



CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 77

20, JANEIRO, 1981

**PESCADORES, GELEIROS, FAZENDEIROS — OS CONFLITOS
DA PESCA EM CACHOEIRA DO ARARI**

(Nota Prévia)

Maria José Carvalho Brabo

Museu Goeldi

RESUMO: Estudo de Grupo familiar do pescador como unidade de produção e unidade de consumo, e os conflitos gerados pelo problema de apropriação e controle dos meios de produção. Baseia-se em análise de pesquisa de campo no Município de Cachoeira do Arari, em Marajó (Pará). Objetivamente há duas unidades de produção com estruturas internas diferenciadas pelo fato de uma estar voltada para a pesca de lagos e outra em rios. A análise é realizada articulando o que Godelier (1978) define como processo de produção que não só significa processo de trabalho, mas as relações entre os próprios membros do grupo, suas relações materiais sobre a base de determinada tecnologia. O centro da discussão caracteriza-se pela situação de impedimento de atividade pesqueira pelo pescador, em virtude dos fazendeiros considerarem os lagos como propriedade privada em épocas de "verão". Essa é a principal restrição a que fica submetido o pescador — Como pescar? Como chegar aos lagos?

INTRODUÇÃO

A idéia de estudar a organização de trabalho e os conflitos gerados entre pescadores e fazendeiros está vinculada a partir do Curso de Sociedades Camponesas (1) e realidade pesquisada em trabalho de campo.

(1) — Realizado no Curso Pós-Graduação do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1979) — Sociedade Camponesas I, ministrado pelo Prof. Afrânio Garcia Jr. Fica aqui registrado nossos agradecimentos pela discussão e o aprendizado no curso.

Faz parte de um conjunto de estudos efetuados na região dos Campos de Marajó (Pa), juntamente com os outros estudos em regiões do Estado do Pará⁽²⁾. O tema a que nos propomos parece-nos da maior relevância no momento em que se verifica ser um dos principais problemas colocados pelo pescador do Arari, quando se vê limitado em sua principal atividade — a pesca.

O objetivo do trabalho é estudar o grupo familiar do pescador como unidade de produção e unidade de consumo, e os conflitos gerados pelo problema de apropriação e controle dos meios de produção. Com relação ao caráter de produção verifica-se que *provém do feito que ele é ao mesmo tempo unidade de produção e unidade de consumo visto que os membros que a compõem estão relacionados a priori ao processo produtivo* (Heredia, 1979 : 17). Em Cachoeira adquire um caráter específico de um tipo de unidade econômica notadamente na época da "safra do peixe" em termos de modo de produção — examinar a situação de subordinação dos pescadores a que os sujeitam — principalmente os fazendeiros⁽³⁾ seguidos dos geleiros⁽⁴⁾ e, posteriormente, os consignatários⁽⁵⁾ — face sua reprodução como grupo.

A análise será realizada articulando o que Godelier (1973 : 27) define como processo de produção, ou melhor, *não só em um ou mais processos de trabalho (relações dos homens entre eles, em suas relações materiais com um número determinado, sobre a base de uma tecnologia determinada) mas numa relação dos homens entre eles, produtores e não produtores na apropriação e controle dos meios de produção... e dos produtos de trabalho.*

(2) — Além da autora, Isolda Maciel da Silveira/Lourdes Furtado, no Nordeste Paraense e Isidoro Alves, em Santarém.

(3) — Proprietários de fazendas onde estão situados os lagos.

(4) — Outro tipo de intermediário a que fica submetido o pescador. O geleiro é o dono dos barcos que possuem frigoríficos, que é denominado geleira. O pescador transaciona sua produção com o consignatário e este com o geleiro.

(5) — Um agente intermediário que financia os instrumentos de pesca.

O estudo baseia-se em análise da pesquisa de campo (1978) no Município de Cachoeira do Arari (Marajó). Objetivamente, há duas unidades de produção com estruturas internas diferenciadas pelo fato de uma estar voltada para a pesca em **lagos** e outra em **rios**. Essas diferenciações oscilam em função de variações sazonais. Durante o "verão" (estiagem), de julho a dezembro, época da safra, o pescador de lagos (pesca de campo) destina sua produção ao mercado regional (Belém e Abaetetuba) através de uma rede de intermediação ampla (consignatários, geleiros), o que onera o custo de sua produção, já limitada pela dificuldade de acesso aos lagos. Enquanto que para o pescador do rio a produção é menor, não havendo "patrões"⁽⁶⁾ e também obstáculo para utilização dos rios⁽⁷⁾.

Já no "inverno", devido à enchente dos lagos que se intercomunicam com os rios, a piscosidade diminui, a situação tende a ser sem conflitos, uma vez que, segundo depoimentos dos pescadores, não há "invasão" nas propriedades dos fazendeiros — tudo se transforma em rios. Por outro lado a produção destina-se ao mercado local, não havendo a intermediação caracterizada na safra.

Essas duas situações "inverno" e "verão" geram uma série de outras diferenciações que serão mencionadas no decorrer deste trabalho.

O grupo de pescadores caracteriza-se por quase uma situação de impedimento de sua principal atividade, em virtude dos fazendeiros ribeirinhos considerarem os lagos como propriedades particulares em épocas de estiagem (safra). Esse impedimento, para o pescador, está baseado principalmente em dois fatores: primeiro, por uma perícia realizada (1939) por um inspetor de caça e pesca; segundo, pelo entu-

(6) — Localmente o patrão é uma categoria abrangente que designa o indivíduo com maior poder de dominação.

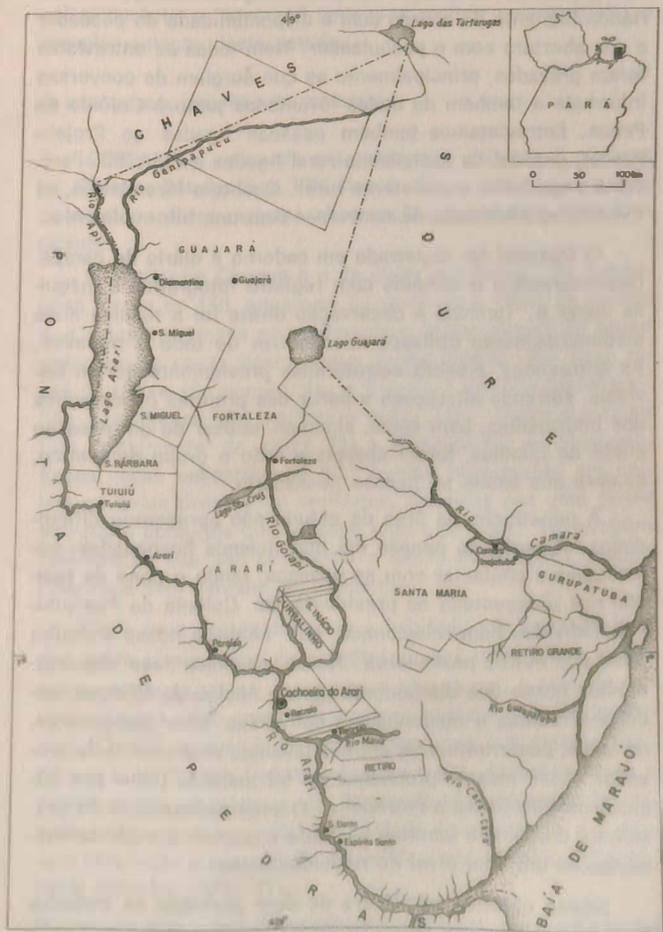
(7) — Embora se estabeleça uma diferenciação entre pescador de lago e pescador de rio, ressalta-se que não são duas categorias de pescadores. É apenas nas diferentes épocas sazonais que se diferenciam como tipo de pesca. O pescador é o mesmo.

lhamento de alguns trechos dos rios, que secam devido a estios fortes. Isto particularmente é verificado no rio Goiapi e no lago Urubu, considerados de maior piscosidade.

O Município de Cachoeira do Arari, no Estado do Pará, está localizado na zona fisiográfica do Marajó e é limitado pelos municípios de Pontas de Pedras, Soure e Chaves e pelo rio Pará e a baía de Marajó (Cf. mapa). Sua sede municipal dista 67 km em linha reta de Belém, situado a 1.º 00' 23" de latitude sul e 58.º 57' 56" de longitude W. Greenwich (I.B.G.E. 1955). Cachoeira tem uma superfície de 2.407 km² com uma população de 10.369 habitantes, cuja densidade demográfica é de 4,31 hab/km². Conforme categorias dos pescadores, Cachoeira do Arari é formada por agentes sociais diferentes, cada qual reconhecido por uma determinada denominação como os comerciantes, os fazendeiros, os funcionários públicos, os pescadores e ainda os "caboclos" que são os habitantes do interior, ou seja, residem fora da sede municipal. Os fazendeiros, embora residam fora da sede, não são chamados de "caboclos".

A economia de Cachoeira baseia-se na pesca e na pecuária. A população da sede em sua maioria exerce a atividade da pesca. Atualmente estima-se em 1.000 pescadores (Relatório anual da EMATER - Pará), o que significa 50% da população masculina urbana do Município, conforme o censo de 1970 (IBGE, 1970). Destes são inscritos na Colônia de Pescadores local Z-26, 350 pescadores. Quanto ao restante da população rural, embora viva de pesca, não contactamos com o mesmo.

Durante o trabalho de campo pesquisamos junto à população dos núcleos do **Choque**, **Vila Ceará** e **Petrópolis**, havendo no primeiro 150, no segundo 101 e no terceiro 61 residências, respectivamente. Aproximadamente mantivemos contato com 15 famílias, embora a maior parte do material tenha sido coletado com duas famílias com as quais mantinhamos conversas quase que diariamente.



Município do Cachoeira do Arari

Reunimos 14 entrevistas sem tempo cronometrado, variando bastante de acordo com a disponibilidade do pescador e sua abertura com o pesquisador. Nem todas as entrevistas foram gravadas, principalmente as que surgiam de conversas informais e também de dados levantados junto à Colônia de Pesca. Entrevistamos também pessoas ligadas ao Projeto Pescat, pessoal da assistência rural ligados a EMATER - Pará, como engenheiro e assistente rural. Quanto a fazendeiros, só tivemos oportunidade de conversar com um, informalmente.

O material foi registrado em caderno e diário de campo. Desenvolvemos o trabalho com registro fotográfico e máquina Super 8. Também a observação direta foi a técnica mais sistematicamente utilizada no decorrer de todo o trabalho. As entrevistas, embora estruturadas previamente, foram flexíveis, sofrendo alterações a partir das próprias observações dos informantes, bem como, algumas, apesar de dirigidas ao chefe de famílias, foram abertas a todo o grupo doméstico, sempre que assim se fizesse necessário.

A penetração na área de estudo não apresentou dificuldades. A partir da pensão em que ficamos hospedadas, começamos a contactar com as pessoas, tendo o dono da pensão nos apresentado ao presidente da Colônia de Pescadores, indivíduo bem relacionado que facilitou nosso trabalho junto aos outros pescadores. Nessa primeira fase deslocamo-nos quase que diariamente para o núcleo do **Choque**, onde observamos e mantinhamos conversas com pescadores, os quais, posteriormente, entrevistávamos com auxílio do gravador. Esse mesmo procedimento foi mantido junto aos núcleos da **Vila Ceará** e **Petrópolis**. O acompanhamento do presidente da colônia facilitou bastante o acesso e o estabelecimento de um bom nível de relacionamento.

Nosso objetivo inicial era de dois períodos de trabalho de campo: — um na época de estlagem, o qual foi realizado em 30 dias; e outro na época das chuvas. Infelizmente esta segunda etapa não foi concretizada devido às cheias no Arari

que não permitiram o acesso, embora seja nossa intenção voltar durante o "inverno" para uma melhor compreensão e complementação deste estudo.

O ESPAÇO E A TECNOLOGIA UTILIZADA

Como já foi colocado anteriormente, existem 3 núcleos — **Choque**, **Petrópolis** e **Vila Ceará**. Foi o primeiro que nos possibilitou obter maiores observações e convívio mais frequente.

O núcleo do **Choque** é o de maior população. As habitações, cerca de 150, situam-se na parte mais baixa da cidade de Cachoeira. Nessa parte, durante o verão, quando as águas crescem, as casas ficam quase dentro d'água. Por essa razão as casas são construídas a 2 metros do solo (palafitas). São residências de madeira e palha (42), madeira e telha (46), totalmente de palha (1) e somente (1) de alvenaria. Essas casas encontram-se distribuídas linearmente em ambos os lados dessa área periférica, divididas por uma ponte estreita e comprida que abrange todo o povoado. Há também residências que não obedecem a essas disposições. Ficam dispersas sem nenhum alinhamento.

Cada uma das residências é habitada por pessoas ligadas entre si por laços de parentesco: pai, mãe, filhos solteiros e, algumas vezes, juntam-se a eles o pai, a mãe de um dos conjuges. São estas pessoas que formam o grupo doméstico. Os filhos quando casam mudam para sua própria residência e continuam trabalhando com o pai. Algumas vezes o genro se une ao sogro e vão formando novos grupos domésticos. *O grupo doméstico é a unidade de residência e é dele que tem lugar a reprodução social de seus membros* (Fortes, *apud* Heredia, 1979 : 37).

Nem todo grupo doméstico possui seus instrumentos de produção. Muitas vezes o filho toma emprestado a canoa do pai e mesmo suas redes e tarrafas. Mesmo nos casos em

que um grupo doméstico possua todos os instrumentos de trabalho, rede, canoa, remo, tarrafa, ele sempre está disposto a "emprestar" para um parente ou mesmo para um vizinho. Ainda, quando saem para pescar juntos, há um "pagamento" em produto pela utilização do material.

As residências abrangem o espaço físico ocupado pela construção e pelo espaço livre em sua volta denominado quintal. A casa em geral possui três pequenos compartimentos que incluem sala, quarto de dormir e cozinha. Geralmente em tempo de verão uma parte da casa, ou seja, a cozinha, pode funcionar na área livre, isto é, fora da casa.

Essa área livre dos fundos é utilizada para a secagem das redes de malhas e tarrafas. Há uma pequena horta que só funciona no "verão", e da mesma forma um poço de água que só é utilizado em época da estiagem. No "inverno" as águas transbordam os quintais e as casas ficam praticamente dentro do rio. Aí são usados como meio de transporte as canoas para qualquer deslocamento. As pontes são desfeitas e é também um momento que tudo se torna mais difícil para o pescador e sua família. Além das dificuldades proporcionadas pelas cheias, há menor piscosidade nos rios e, conseqüentemente, menor produtividade.

O uso do lago e dos rios oscila de acordo com os ciclos de verão e inverno. O pescador coloca a dicotomia pesca de rio/pesca de lago, a partir dos instrumentos empregados na atividade pesqueira. Para os rios são utilizadas as tarrafas, enquanto que nos lagos as redes de malhar. A rede de malhar é retangular, confeccionada com linha de algodão ou linha de *nylon*, o peixe é capturado pela guelras quando tenta ultrapassar as malhas. Estas redes são denominadas de *arastão* ou *borgueio* quando são feitas de linha de algodão e *malhadeira* quando são de fio de *nylon*. A tarrafa é uma pequena rede circular confeccionada com fio de *nylon*, tendo um fio grosso no meio, bordeadas de pedacinhos de chumbo. Também é utilizado o *puçá*, que é uma pequeníssima rede pa-

ra capturar o que o pescador chama de "peixe ornamental" ⁽⁸⁾.

As canoas utilizadas na pesca são chamadas de *montarias* ou *cascos*. Têm uma média de cinco a seis bancos. Quando o pescador é autônomo ou, durante a pesca de "inverno", o trabalho é realizado somente com uma *montaria*. Essas embarcações são movidas a remo e durante o percurso é usado o *reto* (vela quadrada feita de saco de trigo). Já quando o peixe é para ser comercializado com as geleiras, em geral o trabalho é feito com três *montarias*. Uma transporta os instrumentos de pesca e as outras duas os pescadores.

As geleiras de maior porte, são barcos grandes, motorizados, que comportam uma carga de 6 a 10 toneladas de peixe por viagem. Circulam aproximadamente uma média de 25 *geleiras* na região de Cachoeira do Arari, durante a safra do peixe. Essas embarcações comportam frigoríficos de madeira que, segundo os pescadores, têm a forma de "caixão".

Devido ao longo tempo de viagem, estas embarcações trazem necessariamente bastante gelo para a conservação do pescado, ao contrário das canoas que salgam o peixe para o consumo doméstico. Há, também, o salgamento do peixe pelo próprio pescador que pode negociar com as *geleiras* ou com pequenas embarcações do Município de Abaetetuba que desenvolvem um mercado periférico com a população marajoara.

As normas ligadas ao sistema de pesca no que concerne à tecnologia, consistem no conhecimento dos fatores geográficos.

(8) — Segundo o Relatório da EMATER (1977) uma diversificação da captura é a pesca de "peixes ornamentais". Em Cachoeira do Arari existem oito pescadores que se dedicam quase que exclusivamente a esta atividade. Esses pescadores, no sistema de comercialização, tomam uma posição semelhante à do consignatário no sistema de avimento do peixe para as geleiras. Existe para cada pescador "ornamental" um consignatário responsável pela produção. O sistema de circulação do peixe segue o seguinte movimento: pescador "ornamental", consignatário, empresa de importação em Belém e comércio exterior (Estados Unidos, França). Vale ressaltar que não levantamos outros dados pormenorizados sobre esse tipo de pesca.

fiços e ecológicos existentes. Em geral, estes conhecimentos foram adquiridos de maneira livre e informal, por meio da prática, de pai para filhos.

Dentro do universo da pesca, os pescadores reconhecem os pontos de maior piscosidade, hora certa de saída para a pescaria, a oscilação das marés e os ventos.

Para atingir os locais pesqueiros, orientam-se através do sistema visual. Dentre os principais pontos estão os lagos: Urubu, Baixa Grande, Tatu, Mãe Joana, Uiti, Sta. Cruz, Castanheira. Esses lagos ficam localizados às margens do rio Goiapi.

Os lagos de campo, que são formados pelos rios e igarapés, muitas vezes estão localizados no meio dos campos. Isso pôde ser expressado por um entrevistado: **na época de verão quando o lago está raso a gente usa a rede de malhar. É o tempo que o peixe está no balcedo⁽⁹⁾, às vezes o peixe se esconde e a gente então tem que usar o anzol (sic). Ou assim: numa pescaria é necessário seis a quatro homens na época do verão, agora no inverno, um ou dois pôde fazer o serviço, porque o peixe dá menos, agora no verão o peixe é mais abundante. A gente coloca a rede e um pescador fica perto do calão⁽¹⁰⁾ e o resto vai bater a água, vai bater tamborim⁽¹¹⁾ pro peixe vir para a rede e os pescadores fecharem. Depois de fechada a rede a gente passa a colher o peixe. Vai colocando no paneiro (sic).** Nessa atividade o pescador trabalha de calção e às vezes com uma camisa velha sem qualquer outro tipo de proteção. Às vezes o pescador é ferido por arraia, peixe muito comum na região do Arari.

Na utilização da embarcação, notadamente os cascos e/ou canoas de pesca acham-se definidas algumas categorias ocupacionais as quais os pescadores atribuem, teoricamente.

(9) — Folhagem tipo mururé onde o peixe se encontra.

(10) — São varas de apoio à rede no momento de ser arrastada. Amarram-se as pontas das redes de um lado e de outro para poderem ficar firmes.

(11) — É o barulho que o pescador faz na água. Estouram as palmas que parecem um tamborim.

funções específicas. Estas atuam nas diversas tarefas do casco e/ou canoa por intermédio do *piloto* ou *cadete* da embarcação, podendo ser observada no decorrer de uma pescaria. Essas três principais funções encontradas pelo pescador de Cachoeira são:

- **Cadete ou piloto** — o indivíduo que comanda a canoa;
- **Proeiro** — o homem que lança a tarrafa;
- **Encontradores** — os pescadores que lançam as redes tarrafas nos lagos ou nos rios. Esse indivíduos são os mesmos que realizam o tamborim⁽¹²⁾.

A DINÂMICA DA PRODUÇÃO

É a pesca como forma de produção que possibilita o pescador se reproduzir enquanto grupo. A produção reflete o conjunto de operações destinadas a fornecer meios materiais possibilitados pelos recursos oferecidos pela natureza" (Godelier, s/d: 327). *Todo o processo de produção constitui, portanto, uma seqüência ordenada de operações cuja natureza e encadeamento se funde nas condições às quais se submetem para obter o produto final* (Ibid: 329).

Descartando os limites da natureza colocados em termos exteriores, é em torno dos lagos e rios, como espaço físico, que as relações econômico-sociais são representadas e valorizadas. Essas relações estão inscritas nesse espaço físico, indicando uma verdadeira morfologia social construída em oposições que visam delinear de formas nítidas certas identidades sociais (Lima, 1979 : 33). Pescadores e fazendeiros desenvolvem suas relações conflitantes que não traduzem somente uma localização espacial definida, mas um espaço pensado e representado (Ibid). Pensado no momento em que é uma problemática constante em seu cotidiano, co-

(12) — Quando a pesca é realizada somente com uma tarrafa o indivíduo que a lança se encontra na posição de *proeiro*, enquanto que este mesmo é chamado de *encontrador*, quando está lançando com outros companheiros numa pescaria com várias tarrafas e/ou redes.

mo se pode observar na fala de um informante — o maior problema para o pescador aqui é que ele é humilhado pelo fazendeiro. Se a gente sair daqui do Taperebá (fazenda) prá lá justamente onde está o peixe, o pescador não pode passar porque tem um soldado (vigia). Ou se o pescador está lá pescando, quando ele vem de lá o soldado toma o peixe, fica com o material e ainda quer prende-lo (sic). Representado por relações assimétricas entre membros de categorias sociais diferentes, o conflito é desenvolvido numa área comum de padrões morais de comportamento.

Essa é a principal restrição a que fica submetido o pescador — Como pescar? Como chegar aos lagos? Geralmente seu trabalho se desenvolve fora do quadro familiar.

Em sua maioria a pesca é desenvolvida em grupos de vizinhança ou algumas vezes com membros do próprio grupo familiar, excluindo a mão-de-obra feminina.

Na época da safra a produção é destinada a **geleira** e, em menor quantidade para a população de Cachoeira. As **geleiras** funcionam em sistema de **aviamento**. Ou seja, antes de começar a safra propriamente dita, é por intermédio de um consignatário que o geleiro chega até ao pescador. O geleiro fornece ao intermediário instrumento de produção, como material para tecer as redes, linha de *nylon*, chumbo, linha de algodão, fio e algumas vezes remo e até canoa: **todo ano o geleiro dá para o consignatário o material para aviar o pescador. Agora ele avia os pescadores, a gente vai trabalhar durante a safra, paga essa conta do material que é aviado, e o saldo é da gente (sic.)**. Assim o pescador fica comprometido a vender durante toda a safra a sua produção para aquele consignatário que "lhe aviou". No momento do cálculo econômico o intermediário/consignatário fica com um cruzeiro em cada quilo de peixe da produção do pescador, além de ir abatendo todo o material fornecido para o mesmo. Nessa transação podem ocorrer duas situações. Ou o pescador, ao final da safra, paga toda a sua dívida e obtém algum lucro, ou então, fica em débito para a próxima safra. Em ge-

ral, a primeira situação é a mais comum. A continuidade do aviamento depende do comportamento do pescador em termos de maior produtividade.

A dinâmica do sistema de aviamento é a mesma em todas as safras. As mesmas regras entram em jogo entre pescador, consignatário e geleiro. Não são operações contínuas, mas freqüentemente sazonais. Implicam sempre em esperar o próximo "verão". A forma que determina o sistema é um contrato eminentemente verbal. O pescador ao ser "contratado", recebe os instrumentos de trabalho e, posteriormente, conforme as remessas de peixe são transportadas para as geleiras, vai deduzindo sua dívida e tirando, como eles falam, "um dinheirinho", de safra.

Vale ressaltar que o pescador que transaciona com geleiras também tira parte da produção para o consumo de sua família. Esse peixe retirado não entra nos cálculos do aviamento.

O pescador que não transaciona com as geleiras é o mais autônomo. Em geral, um grupo de 3 a 4 companheiros sai para a pesca, tira o seu consumo e o restante vende à população local. A produtividade é menor em comparação com a pesca realizada para as geleiras. Este é o sistema utilizado durante o "Inverno" quando os lagos se transformam em rios. Nesta modalidade não está presente a forma de expropriação dos instrumentos de produção, caracterizada no aviamento (Cf. Kula, 1968).

A configuração do espaço pode ser entendida como *locus* de residência e pontos de pesca. As habitações localizam-se na periferia da cidade de Cachoeira, formando os núcleos de pescadores.

O espaço é incorporado na vida cotidiana, do pescador de Cachoeira em dois momentos. Em seus núcleos (Choque, Vila Ceará, Petrópolis) de moradia, lugares também de reuniões, tanto para a combinação do dia, hora, saída para a pesca, bem como *locus* onde se realiza (pescador autônomo/pesca de inverno) não só a venda do pescado, como também, o

conserto e o descanso das redes e onde também são expressas as reclamações no que se refere às impossibilidades e dificuldades. Essas queixas são decorrentes constantemente dos atritos gerados entre fazendeiros (na pessoa do vigia) e o pescador. O outro momento é o local de pesca, ou "pontos das geleiras" (S. Paulo e Juterana) onde se realizam as transações com as **geleiras**. Esses locais ficam próximo dos lagos.

Embora se pratique a pesca durante todo o ano, antigamente a época da safra era caracterizada com uma mudança espacial. Ou melhor, durante o verão, o pescador com toda sua família se deslocava para as margens dos rios, próximos dos "pontos de pesca", armavam suas barracas de palha (tapiris) e ali permaneciam toda a "safra do peixe". Esses pontos transformavam-se em verdadeiros "povoados", onde se vivia em função da pesca.

São épocas lembradas de "bons tempos", pois além de uma produtividade maior, não ocorria a "perseguição dos vigias". Hoje é muito difícil o pescador ficar durante a safra nos *pontos de pesca*. Quando isso acontece, ele fica às margens dos rios ao relento, sozinho, no máximo com outro companheiro, sem o convívio de sua família, pois, há o impedimento por parte dos fazendeiros para armarem seus tapiris. É um constante ir e vir de sua casa ao local de pesca. Vejamos parte de depoimento de um antigo pescador para uma melhor caracterização : **durante a pesca de verão a gente vai embora, fica só a família em casa, a gente passa prá lá trabalhando, às vezes até uma semana, metendo peixe na geleira. Esse peixe que a gente traz prá casa é só para o consumo, com isso a família fica comendo peixe salgado, só no dia que a gente chega é que está fresco** (sic).

Antigamente a atividade da pesca era menos "trabalhosa" para o pescador. Primeiro porque ele não se separava de seu grupo familiar e, conseqüentemente, havia melhores condições de vida no que se refere a contar com a ajuda de todo

o grupo. Segundo, não dispndia tanto esforço físico, principalmente no trabalho de remar, considerando que são praticamente 10 horas de sua casa aos pontos de pesca, dependendo da oscilação das marés.

A repartição do produto depende do tipo de sistema a que a pesca está submetida. Se de aviamento, todo produto é entregue ao consignatário e retirado uma parte para o consumo familiar. O trabalho é realizado por um grupo de 6 a 12 pescadores, que representam uma equipe, mas, apesa disso, cada um entra com sua rede e a repartição é feita por igual para posteriormente ser entregue ao consignatário e este aos **geleiros**. O valor do peixe está diretamente ligado à sua qualidade. Isso pode ser verificado conforme algumas espécies no quadro abaixo.

Espécie	Preço pago ao produtor p/q. (Cr\$)	Preço pago pelo consumidor p/q. (Cr\$)
Tucunaré	6,00	7,00
Pescada	6,00	7,00
Aracu	4,00	5,00
Tui-terçado	4,00	5,00
Cachorro de padre	3,00	4,00
Tamuatá	3,00	4,00
Traíra	2,00	3,00

FONTE: Levantamento em campo, 1978.

Se a pescaria é realizada sem o aviamento dos geleiros, freqüentemente a partilha é feita entre os companheiros da pesca. Cabe para cada pescador uma quantidade igual na divisão, sendo que o dono dos instrumentos de produção (rede e tarrafa) ganha 1/3 a mais, como pagamento de aluguel. Isso ocorre muito freqüentemente por ocasião das cheias. Assim, ao terminar a pescaria no próprio local da pesca, os companheiros realizam a partilha. Segundo o pescador a rede e a tarrafa são os instrumentos que sofrem maiores gastos com o uso freqüente, pois, são danificados pelas arralas. A ca-

noa e o remo são de maior durabilidade. Estas são cedidas como uma forma de reciprocidade, entre companheiros. A contrapartida desse empréstimo está na ajuda do conserto das redes. O pescador que não possui rede sempre vai ajudar o companheiro no conserto das mesmas ou de tarrafas após uma pescaria. É muito comum encontrar-se pescadores reunidos realizando estes reparos após uma pescaria. Isso sempre acontece na casa do proprietário das mesmas.

Concordamos com Godelier quando diz que *toda produção é um ato duplo submetido às normas e técnicas de uma relação determinada dos homens com a natureza e as normas sociais que regulam as relações dos homens entre si no emprego dos fatores de produção. E mais a solidariedade orgânica das estruturas de um sistema econômico se manifesta através da complementaridade e da circulação dos processos, a produção permite o consumo que por sua vez permite a produção* (s/d : 345). Para nós a unidade de consumo não é um quadro social vazio porque ele é regido por uma autoridade social determinada que tem poder de repartir e redistribuir. Entre os pescadores verificamos que os detentores dos instrumentos de trabalho, principalmente o proprietário da rede, é quem dita as regras, o mesmo tempo acontecendo com o geleiro através do consignatário. Com os proprietários das **geleiras** entram em jogo as regras que determinam o aviamento. Já com os proprietários das redes e tarrafas se materializam as regras da troca que uma das partes entra com instrumentos da pesca e a outra com sua força de trabalho.

A rede de relações implícitas na atividade da pesca se complementa com a oposição pescador/fazendeiro no que concerne à utilização dos lagos. Se por um lado o direito à propriedade privada favorece o fazendeiro, enfrentá-lo estimula a solidariedade entre os pescadores.

Confrontando estas normas que operam a atividade da pesca em Cachoeira, verifica-se que as leis de movimento do aviamento estão mais intrinsecamente ligadas à formação

de um contexto histórico amazônico amplo, do que propriamente a um modo de produção⁽¹³⁾. O aviamento ainda pode ser visto dominando a região marajoara e "repudiando" traços de transação monetária. *Na verdade o que está em jogo é uma disjunção/articulação de diferentes modos de produção. De um lado formas capitalistas e de outro formas não capitalistas e marcadas pelo complexo extrativista, com diferentes formas de organização de trabalho* (Brabo, 1979 : 16).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A LÓGICA DOS CONFLITOS

Dentro do quadro de organização de trabalho é que o pescador se movimenta a fim de reproduzir-se ou manter-se como grupo. Como vimos, além das relações mantidas entre consignatários, geleiros e entre os próprios membros do grupo, existem as relações conflitantes para utilização dos lagos como já foi colocado anteriormente.

Para o fazendeiro a lógica da utilização dos lagos coloca-se a nível de propriedade privada, enquanto que para o pescador como um bem da natureza, logicamente um bem de todos. A água vinculada a um dom da natureza dado por Deus, enquanto que a terra seria um bem do homem, no caso o fazendeiro. O pescador não reconhece os lagos que permeiam os campos como propriedade privada e sim a água dos lagos que obedece um ciclo de enchente e vazante e por isso não tem dono. Para o pescador é *maldade do fazendeiro não deixá-lo pescar em paz, os lagos são da natureza, foi Deus quem deu* (sic). Esse peixe que recebe na safra quando as águas secam, representa para ele uma recompensa da natureza em contrapartida das dificuldades que enfrenta por ocasião das cheias (Cf. Mauss, 1974 : 148-9).

Vê-se, assim, que a relação campo e água gera conflitos, pois, funcionam lógicas diferentes e contraditórias. Como

(13) — Sobre sistema de aviamento ver Miyaki & Ono (1958), Tupinambá (1967), Alves (1976), Santos (1977), Silveira (1979), Oliveira (1979).

lembra Bohannon (1963 : 101/111) entre os Tiv a posse da terra se traduz de maneira diferente da lógica ocidental. Para os Tiv a posse se refere ao produto da terra, não a terra em si — delimitada. Esta mesma lógica parece estar presente entre os pescadores de Cachoeira. Por outro lado, o fazendeiro argumenta sua posse a partir da terra, "traduzida" dentro de um mapa delimitado. Além disso há uma maneira diferente de visualizar a natureza.

Ao mesmo tempo há também uma base jurídica para o conflito a partir da existência do código das águas datado de 10 de julho de 1934, cujo art. 2.º diz *são águas públicas de uso comum os mares territoriais incluindo os golfos, enseadas e portos, também as correntes, canais, lagos e lagoas, navegáveis e flutuantes* (Documento cit., 1978). Baseados neste código os pescadores elaboraram um documento enviado através de sua colônia ao Governo do Estado do Pará. Segundo eles, o conflito de interpretação da lei com os fazendeiros, iniciou-se a partir de uma perícia "mal feita", conforme os pescadores, realizada em 1939, que favoreceu aos fazendeiros por considerar propriedade privada os entulhamentos dos rios — originando os lagos.

Esse documento foi enviado à Secretaria de Segurança do Estado do Pará desde março de 1978 e a resposta veio em julho de 78 pedindo informações para a Delegacia de Cachoeira, pois, o referido memorial, além de colocar a situação de impedimento da pesca relatava fatos de prisão e apreensão dos utensílios de pesca e de pescadores quando eram apanhados pelos vigias. Nada foi resolvido quanto ao núcleo do conflito, ou seja, o direito de acesso aos lagos. Através de diversos depoimentos de informantes é fato sempre recorrente o impedimento da pesca pelos fazendeiros através dos vigias. Em um desses depoimentos, o pescador relata o que ocorreu nas safras de 76/77 quando os lagos do rio Goiapi, Curralino, Boa Esperança, Paraíso, Bacuri, Pará-pará, Cadoro, Utinga, Correio, Castanheira, Rocinha e Laguinho não foram utilizados para a pesca. Aconteceu, diz o informante, que,

umas cinco mil toneladas de peixes foram perdidas porque os fazendeiros não deixaram o pescador tirar o peixe (sic). Em consequência, prossegue o informante, a safra de 78 foi muito pequena. Para o pescador essa baixa piscosidade foi tomada como castigo de Deus, prá fazer medo, porque ele (fazendeiro) impediu que o pescador pescasse já que foi Deus que trouxe os peixes, então só a ele pertence. Pois é diz o pescador, quando o fazendeiro prende para não dá, Deus vai lá e mata tudo. O peixe morreu pela parte seca, secou todos os lagos, estragou tudo, o proprietário não deu, não vendeu e os soldados continuavam lá... só de maldade (sic).

Além desse, são muitos os relatos onde narram que o vigia apanhou o pescador, tirou seu material de pesca e ainda o prendeu. Muitas vezes, quando as redes chegam de volta para o pescador, normalmente estão estragadas, pois, os vigias, por ordem dos fazendeiros, jogam água com sal nas mesmas para "apodrecerem".

Essas queixas atualmente são levadas ao presidente da Colônia. Este procura manter um diálogo com o fazendeiro mas, pelo que se pode observar, os casos continuam a ocorrer e, o próprio presidente, se vê tolhido de sua autoridade diante do fazendeiro e na própria delegacia local, para resolver o problema. O máximo que ele consegue é que o pescador seja solto e seja devolvido seu material de pesca, depois de muita discussão.

Na realidade, só aparentemente o fazendeiro quer "resguardar sua propriedade". Na verdade, os proprietários através de alguns pescadores, também comercializam o peixe. Embora isso não ocorra em todas as fazendas, muitos fazendeiros alugam os lagos aos pescadores sob forma de arrendamento. O pescador, como pagamento, dá a metade de sua produção. Geralmente acompanha o pescador um companheiro o qual ainda tem que receber sua parte. O pagamento é feito em espécie. Assim, o fazendeiro fica com 50% do produto e a outra metade é dividida entre o proprietário dos instrumentos de produção (outro pescador) e aquele que o au-

xiliou. Na realidade, o fazendeiro, na transação, "entra com a água", para o pescador visto como um bem da natureza.

Diante do exposto verifica-se que o pescador centra seus objetivos na utilização dos lagos e instrumentos de produção para realizar a pesca. E não é sem razão que ele ao falar de suas dificuldades, não raras vezes ilustra a condição em que vive, como precária para sua reprodução física e social.

A situação complexa dos lagos provoca alterações que se refletem em seu cotidiano. Vê-se submetido a uma situação de humilhação e/ou exploração de sua força de trabalho de um lado. De outro, o próprio impedimento de desenvolver a única atividade que o ambiente lhe proporciona.

O sistema de aviamento na comercialização do pescado configura-se como um fator fundamental de determinação da posição de dependência frente aos geleiros. Através do aviamento os geleiros garantem seus lucros, obtendo o produto por meio de mão-de-obra barata e em contrapartida abastecem os mercados regionais no caso Belém e Abaetetuba.

O sistema de apropriação dos lagos funciona igualmente como forma de dependência e subordinação, quando o fazendeiro se coloca como proprietário de "um bem da natureza".

Nestas circunstâncias, o sistema de relações entre categorias sociais diferentes, implica necessariamente em conflitos. Todo sistema descrito mostra a existência de duas formas de expropriação: uma relacionada aos *geleiros* (aviamento) que expropriam os instrumentos de produção, outra, através dos *fazendeiros* no momento em que expropriam o espaço, onde se desenvolve a produção — no caso — a água dos lagos. Esses conflitos parecem dever-se ao fato de que as formas encontradas pelo capitalismo não são capazes de levar adiante uma homogeneização estrutural completa. Articulam, pois, a exploração de formas não capitalistas de produção no caso em tela — as regras do aviamento e/ou da subordinação aos fazendeiros à acumulação propriamente capitalista que tendem a se completar (Cf. Velho, 1974 : 49).

SUMMARY

This is a study of fishermen households as unities of production and consumption and the conflicts generated by the problem of appropriation and control of the means of production. This study is based on the analysis of a field research performed in the county of Cachoeira do Arari in Marajó (Pará-Brazil). Objectively, there are two unities of production with internal structures differentiated by the fact of their being turned towards fishing in *lakes* and in *rivers*. The analysis will be made by the articulation of what is called "process of production" by Godelier. This means not only a process of work but also the relation between the members of the group itself, their material relation based on a specific technology. The center of discussion is characterized by the situation of stoppage of the fishing activity because the farmers consider the lakes as their private property during the dry season. Thus, the main problem faced by the fishermen is: How to fish? How to reach the lakes?

BIBLIOGRAFIA

ALVES, I.

- 1977 — *Campesinato e Mudança Social numa área amazônica*. Projeto de Pesquisa, 16 f./mimeograf.

BOHANANNAN, P.

- 1963 — Land, Tenure and Land Tenure. In: Blebuyck. *African Agrarian Systems*. London, Oxford University Press. p. 101-111.

BRABO, M. J. C.

- 1979 — Palmiteiros de Muaná: estudo sobre o processo de produção no beneficiamento do açaízeiro. B. Mus. Pa. Emílio Goeldi, Belém, n. sér. Antrop., 73, 29 p. II.

GODELIER, M.

- 1973 — *Horizons, Trajets marxistes en anthropologie*. Paris, Maspéro. 395 p.

- s/d — *Racionalidade e Irracionalidade na Economia*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 397 p.

HEREDIA, B. M. A.

- 1974 — **A morada da vida:** Trabalho familiar de Pequenos produtores do Nordeste do Brasil, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 164 p.

IBGE

- 1955 — **Enciclopédia dos municípios brasileiros**, Rio de Janeiro, v. 14.

KULA, W.

- 1968 — On the tipology of Economic Systems. In: **The Social Sciences Problems and Orientations**. Paris, La Haye, Monton/Unesco, 140 p.

LIMA, R. K. de

- 1979 — **Pescadores de Itaipu**, A pesca da tainha e a produção ritual da identidade social. Rio de Janeiro. /Tese/

MAUSS, M.

- 1974 — **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, EDUSP. v. 2.

MIYAZAKI, N. & ONO, M.

- 1958 — O Aviamento na Amazônia (Estudo Sócio Econômico sobre a produção da Juta) **Sociologia**, São Paulo, 20(3) : 366-96.

OLIVEIRA, Adélia Engrácia de

- 1979 — Notas preliminares e etnográficas sobre o aviamento num povoado da Amazônia. Trabalho apresentado ao III Encontro do Grupo Agricultura na Amazônia, datilografado.

RECENSEAMENTO GERAL DO BRASIL. 8, 1970

- 1973 — **Censo Demográfico Pará**. Rio de Janeiro, IBGE. 421 p. (Ser. Regional, v. 1, t. 4).

SANTOS, R. A.

- 1973 — **História Econômica da Amazônia (1800-1920)**. São Paulo. v. 1. /Tese/.

SILVEIRA, I. M.

- 1979 — Formas de Aviamento num povoado pesqueiro da Amazônia. **B. Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, n. ser. Antrop. 74, 24 p. II.

TUPIASSU, A.

- 1967 — **Três condicionamentos da vida rural amazônica**. Belém, s. ed. /mimeografado/.

VELHO, O. G.

- 1976 — **Capitalismo autoritário e campesinato:** (um estudo comparativo de fronteira em movimento) São Paulo, Difel. 281 p.

(Aceito para publicação em 03/10/80)

BRABO, Maria José Carvalho. Pescadores, geleiros, fazendeiros — Os conflitos da pesca em Cachoeira do Arari. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série: Antropologia*, Belém (77): 1-22, jan. 1981, II.

RESUMO: Estudo de grupo familiar do pescador como unidade de produção e unidade de consumo, e os conflitos gerados pelo problema de apropriação e controle dos meios de produção. Baseia-se em análise de pesquisa de campo no Município de Cachoeira do Arari, em Marajó (Pará). Objetivamente há duas unidades de produção com estruturas internas diferenciadas pelo fato de uma estar voltada para a pesca de lagos e outra em rios. A análise é realizada articulando o que Godelier (1978) define como processo de produção, que não só significa processo de trabalho, mas as relações entre os próprios membros do grupo, suas relações materiais sobre a base de determinada tecnologia. O centro da discussão caracteriza-se pela situação de impedimento de atividade pesqueira pelo pescador, em virtude dos fazendeiros considerarem os lagos como propriedade privada em épocas de "verão". Essa é a principal restrição a que fica submetido o pescador — Como pescar? Como chegar aos lagos?

CDU 639.2(8115)

CDD 639.2098115

MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI

1

1970 - A. M. A. ...
 1971 - A. M. A. ...
 1972 - A. M. A. ...
 1973 - A. M. A. ...
 1974 - A. M. A. ...
 1975 - A. M. A. ...
 1976 - A. M. A. ...
 1977 - A. M. A. ...
 1978 - A. M. A. ...
 1979 - A. M. A. ...
 1980 - A. M. A. ...



FALANGOLA
 OFFSET
 BELÉM PARÁ

1981 - A. M. A. ...
 1982 - A. M. A. ...
 1983 - A. M. A. ...
 1984 - A. M. A. ...
 1985 - A. M. A. ...
 1986 - A. M. A. ...
 1987 - A. M. A. ...
 1988 - A. M. A. ...
 1989 - A. M. A. ...
 1990 - A. M. A. ...
 1991 - A. M. A. ...
 1992 - A. M. A. ...
 1993 - A. M. A. ...
 1994 - A. M. A. ...
 1995 - A. M. A. ...
 1996 - A. M. A. ...
 1997 - A. M. A. ...
 1998 - A. M. A. ...
 1999 - A. M. A. ...
 2000 - A. M. A. ...
 2001 - A. M. A. ...
 2002 - A. M. A. ...
 2003 - A. M. A. ...
 2004 - A. M. A. ...
 2005 - A. M. A. ...
 2006 - A. M. A. ...
 2007 - A. M. A. ...
 2008 - A. M. A. ...
 2009 - A. M. A. ...
 2010 - A. M. A. ...
 2011 - A. M. A. ...
 2012 - A. M. A. ...
 2013 - A. M. A. ...
 2014 - A. M. A. ...
 2015 - A. M. A. ...
 2016 - A. M. A. ...
 2017 - A. M. A. ...
 2018 - A. M. A. ...
 2019 - A. M. A. ...
 2020 - A. M. A. ...
 2021 - A. M. A. ...
 2022 - A. M. A. ...
 2023 - A. M. A. ...
 2024 - A. M. A. ...
 2025 - A. M. A. ...